

Coordenação entre o modelo dinâmico interno da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos (*)

MANUELA VERÍSSIMO (**)

LÍGIA MONTEIRO (**)

BRIAN E. VAUGHN (***)

ANTÓNIO J. SANTOS (**)

HARRIET WATERS (****)

INTRODUÇÃO

Actualmente, a investigação na área da vinculação tem procurado analisar outras variáveis, para além da sensibilidade e responsividade materna, que poderão ajudar a explicar as diferenças encontradas nas diversas organizações dos comportamentos de base segura. Se no início da formulação da teoria da vinculação por Bowlby (1972,

1982), a psicologia cognitiva era um campo de estudo relativamente recente, actualmente esta área do conhecimento tem tido enormes progressos permitindo a transição da investigação baseada apenas na avaliação dos comportamentos observados em contexto naturalista (AQS) ou em situação laboratorial (Situação Estranha), para o nível da representação (H. Waters, Rodrigues & Ridgeway, 1998). Um elemento central e actual no estudo da vinculação é o de que a representação cognitiva que os pais têm da relação de vinculação é um factor que medeia a qualidade da prestação dos cuidados/de interacção que estabelecem com os seus filhos, o que se reflecte na qualidade de vinculação das crianças (Bretherton, 1985; Main, Kaplan & Cassidy, 1985; Posada, Waters, Crowell, & Lay, 1995; Grossmann *et al.*, 2002; Tini, Corcoran, Rodrigues-Doolabh, & Waters, 2003). A teoria prevê que as actuais conceptualizações que os indivíduos têm da vinculação reflectam a organização do seu modelo interno de vinculação. Main *et al.* (1985) referem que, os modelos internos das relações de vinculação são representações mentais que incluem comportamen-

(*) Agradecimentos: Os autores gostariam de agradecer a todas as mães e crianças que aceitaram participar neste estudo. Este estudo foi financiado, parcialmente, pela FCT (POCTI, Plurianual, UIPCDE) e pelo CII (00968/CII/2005/11.1.4). Os autores gostariam ainda de agradecer a colaboração de André Silva, Marília Fernandes, Filipa Silva, Iolanda Queiroz, Ana Zilda Silva, Carla Oliveira e Sofia Meneres na recolha dos dados.

(**) UIPCDE, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

(***) Human Development and Family Studies, Auburn University.

(****) State University of New York at Stony Brook.

tos afectivos e cognitivos, assumindo um papel activo na organização e orientação do comportamento dos indivíduos. A regulação dos afectos e a reciprocidade do comportamento aprendidas na relação inicial deverão, assim, ter a sua influência nas expectativas, estratégias e comportamentos em relacionamentos posteriores (Crowell & Treboux, 1995). Sendo que, o grau de acessibilidade e a qualidade dessa informação deverá variar em função da segurança fornecida pela relação de vinculação (ex. Bretherton & Munholland, 1999; Main, 1991; Main *et al.*, 1985; van Emlichoven, van IJzendoorn, De Ruyter, & Brosschot, 2003; H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001).

Nos últimos 20 anos, tem sido realizado um enorme esforço empírico com vista a criar e validar instrumentos para avaliar (tanto quantitativamente, como qualitativamente) os modelos dinâmicos internos da vinculação de crianças, adolescentes e adultos (ex. Armsden & Greenberg, 1988; Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990; George & West, 2001; Hesse, 1999; Main *et al.*, 1985; Waters *et al.*, 1998). Para os adultos, o instrumento com maior sucesso e largamente utilizado é o “*Adult Attachment Interview*” (AAI) de Main e Goldwyn (1984, 1998; ver revisão de Hesse, 1999). O AAI tem como objectivo avaliar as representações actuais dos indivíduos relativamente às relações de vinculação e às figuras de vinculação e é cotado em diferentes dimensões específicas. O AAI, também, fornece uma caracterização qualitativa do protocolo de entrevista que corresponde à taxonomia dos tipos de vinculação cotados a partir da Situação Estranha de Ainsworth (ver Ainsworth, Blehar, E. Waters, & Wall, 1978). Hesse (1999) efectua uma revisão de literatura que documenta as correlações significativas entre as escalas da AAI e as classificações da Situação Estranha (ver, também, a meta-análise realizada por van IJzendoorn, 1995)

Contudo, e sem deixar de considerar que a AAI é um instrumento válido e fiável para avaliar diferenças individuais nas representações de vinculação nos adultos, de um ponto de vista prático, o protocolo tem um conjunto de características que limita o seu uso na investigação das relações de base segura. A preparação e recolha dos dados é extremamente demorada e trabalhosa, em média cada entrevista individual demora entre 45 a 90 minutos, para além de 2 a 4 horas para transcrever a mesma. A cotação de cada protocolo po-

de, também, levar um tempo considerável, entre 2 a 3 horas. Por outro lado, treinar os investigadores até se obterem valores satisfatórios de fiabilidade para a cotação das diferentes dimensões e classificações requer muito tempo (por vezes meses) e é muito difícil (muitos dos investigadores que receberam treino nunca se tornaram qualificados para cotar os protocolos da AAI).

Recentemente, Bretherton e H. Waters procuraram no conceito de *script* uma via para a melhor compreensão do funcionamento dos modelos dinâmicos internos. Bretherton (1991) considera que os *scripts* de vinculação são os elementos cognitivos base das representações de vinculação. Schank e Abelson (1977) definem os *scripts* como uma representação mental de uma sequência estereotipada de acções que ocorrem num determinado contexto espaço-temporal. Os *scripts* são criados no decurso da repetição de experiências de natureza semelhante e mobilizados sempre que uma determinada experiência se aproxima do *script* existente, permitindo ao sujeito prever com maior ou menor sucesso que o que irá acontecer para além do contexto imediato (Nelson, 1986; Nelson & Hudson, 1988; Oppenheim & H. Waters, 1995).

H. Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) propuseram um procedimento com vista a avaliar as representações de vinculação algo diferente da AAI. O seu interesse é o de avaliar a organização do conhecimento de base segura utilizando narrativas produzidas por adultos em resposta a um conjunto de palavras sugestivas. Estudos realizados por H. Waters *et al.* (1998) indicam que as experiências de vinculação vividas no contexto das primeiras relações de vinculação são representadas sob forma de uma estrutura de *script* causal-temporal em torno dos componentes do “fenómeno de base segura”, sendo que a familiaridade e o acesso a este *script* assumem um papel importante na organização do equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e os comportamentos de exploração durante a infância, sendo a base dos modelos internos de vinculação que emergem posteriormente. Na idade adulta, H. Waters e Rodrigues (2001), sugerem que o conhecimento de tipo *script* relativo a ter e/ou ser uma base segura de outra pessoa, contem diversos elementos, elaborados na seguinte sequência: interacção construtiva entre os membros da díade de vinculação; um obstáculo à continuação da interacção;

um sinal de que é necessária ajuda, detecção do sinal pelo parceiro; oferta de ajuda efectiva; a ajuda é sentida pelo receptor como reconfortante; resolução e/ou regresso à interacção construtiva com o meio físico ou social.

As autoras testaram o *script* de base segura numa amostra de mulheres, casadas entre 5-8 anos, utilizando um conjunto de seis grupos de palavras sugestivas (quatro relevantes para a vinculação e duas não relevantes para a vinculação). As quatro narrativas dos adultos relevantes para a vinculação foram cotadas com base na presença ou ausência do *script* de base segura e na riqueza e detalhe relativos à relação entre os membros da díade. Um valor que sintetiza a presença e a qualidade do *script* de base segura foi atribuído a cada uma das quatro narrativas relevantes para a vinculação, sendo a média destes o valor do conhecimento de base segura do sujeito.

As vantagens logísticas deste método incluem um período de recolha de dados relativamente reduzido (a maioria dos sujeitos realiza as seis histórias em 15-25 minutos), uma rápida transcrição (menos de 45 minutos, quando é realizado por alguém com experiência) e um treino menos intensivo na cotação das narrativas até o investigador se tornar fiável (comparativamente com a AAI). H. Waters e associados demonstraram que a média dos valores dos *scripts* é internamente consistente (*alphas de Cronbach* variam entre .7 e .9 em duas amostras). H. Waters e Rodrigues-Doolabh (2001) obtiveram correlações de .50 e .62 quando o valor do *script* de base segura foi correlacionado com a escala de Coerência da AAI para as mesmas mães. A Coerência é considerada central para a dimensão da segurança na AAI e os resultados sugerem que a existência de e o acesso a um *script* de base segura bem organizado faz parte daquilo que se considera ser pensar de modo coerente acerca da vinculação.

Tini *et al.* (2003), demonstraram que o conhecimento de base segura materno se encontrava associado com as classificações dos seus filhos na Situação Estranha e Guttman-Steinmetz, Elliot, Steiner e H. Waters (2003) referem que mães com *scores* de base segura mais elevados eram mais competentes (do que mães com valores mais baixos) de ajudar os seus filhos a co-construir histórias com conteúdos relevantes para a vinculação. Rodrigues-Doolabh, Zevallos, Turan e Green (2003) demonstraram que mães pertencentes a diferen-

tes grupos culturais e étnicos produziam narrativas de base segura detalhadas e explícitas, quando lhes eram apresentados os mesmos conjuntos de palavras sugestivas utilizadas nas amostras americanas (embora, para alguns grupos, certas palavras sugestivas tenham sido alteradas de modo a se adequarem às práticas culturais dos mesmos). Nestas amostras, as correlações encontradas entre histórias foram elevadas e os resultados totais tinham valores elevados de consistência interna aceitáveis. Assim, este método de obter e cotar a organização do conhecimento de base segura poderá ser amplamente aplicado nas culturas em que as mães contam histórias, sendo que, as mães deverão ter um nível de competência na leitura suficiente para compreenderem o significado de cada palavra existente nas listas de palavras sugestivas e as relações típicas existentes entre elas. A evidência de um *script* de base segura universal é consistente com o postulado da teoria da vinculação que considera que as relações de vinculação são organizadas em torno dos comportamentos de base segura em qualquer cultura (Rodrigues-Doolabh *et al.*, 2003).

Os objectivos do presente trabalho são: primeiro, testar o instrumento *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* para um grupo sócio-cultural diferente, o português; o segundo visa alargar os resultados de Tini *et al.* (2003) para amostras de crianças em idades pré-escolares. Dado que o protocolo e cotação da Situação Estranha foi concebido para caracterizar a organização do comportamento de base segura de crianças até aos 24 meses, utilizou-se um procedimento diferente para avaliar a segurança da vinculação, a referir o *Attachment Q-set (AQS)* de Waters (1987).

MÉTODO

Participantes

Os participantes são 58 díades mãe/criança. À data da recolha das informações relativas ao *Attachment Behaviour Q-Set* as crianças tinham idades compreendidas entre os meses 29 e os 38 meses ($x=31.448$ e $\sigma=2.145$) sendo 29 do sexo feminino e 29 do sexo masculino. A sua idade de entrada na Creche varia entre os 3 e os 30 meses

($x=8.957$ e $\sigma=7.259$). As mães tinham idades entre os 26 e os 42 anos ($x=34.017$ e $\sigma=3.521$) e os pais tinham idades entre 28 e os 50 anos ($x=36.407$ e $\sigma=4.652$). As habilitações literárias das mães variam entre os 7 e os 22 anos de escolaridade ($x=15.59$ e $\sigma=3.057$) e as dos pais entre os 7 e os 19 anos ($x=14.803$ e $\sigma=3.005$). 52 mães e todos os pais trabalham fora de casa. As famílias pertencem a um nível socio-económico médio, médio alto, tendo sido recrutadas para o projecto através das Creches e Jardins-de-infância de ensino particular que frequentam.

Instrumentos

Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos (H. Waters & Rodrigues, 2001)

Quatro grupos de palavras sugestivas foram desenvolvidos de modo a guiar a produção de histórias relativas a cenários importantes do ponto de vista da vinculação. As histórias são: “A manhã do bebé”, “No consultório médico”, “O acampamento da Joana e do Pedro” e “O acidente”. Os dois primeiros cenários referem-se à interacção mãe/criança e os outros dois à interacção adulto/adulto. São utilizadas, ainda, duas histórias consideradas neutras: “O passeio no parque” e “Uma tarde nas compras”.

O protótipo de *script* de base segura é definido por: a base segura mãe/parceiro(a) ajudar o indivíduo (personagem da história) a lidar com a angústia e no regresso da situação ao normal. Nos cenários mais positivos, o objectivo da base segura é facilitar a exploração, promovendo experiências positivas. As histórias organizadas à volta de um *script* de base segura terão:

- A base segura ajuda a seleccionar e implementar estratégias para normalizar a situação e difundir a angústia, quando isso é possível, ou evitando conjuntamente a angústia, facilitando a transição para outras actividades (para um bebé ou criança) e preparando bases explicativas para ajudar a compreender a situação (para uma criança pequena).
- A base segura reconfigura a representação da pessoa para que esta se focalize em aspectos mais positivos, difundindo as emo-

ções negativas. Isto normalmente envolve o salientar do lado positivo da situação.

- Um foco interpessoal, ou seja, uma sensibilidade ou percepção do estado emocional da outra pessoa. Os conteúdos das narrativas de base segura focalizam-se na interacção entre os dois sujeitos e não tanto na simples descrição da sequência dos acontecimentos da história. A base segura responde aos pedidos, sinais da criança/parceiro, modificando em função destes o seu comportamento. Existe o “dar e receber”, em que cada parceiro contribui de forma única para a situação ou actividade, ao mesmo tempo que trabalham em cooperação, como uma equipa. Existe igualmente uma reciprocidade emocional, em que a emoção expressa de um provoca uma resposta emocional no outro.

Attachment Behaviour Q-Set – versão 3.0 de Waters (1987)

O *Attachment Behaviour Q-Set* (AQS) avalia a qualidade do comportamento de base segura da criança, face à mãe ou a outras figuras, em contexto ecologicamente válido. Permite a descrição pormenorizada do comportamento vincutivo da criança e do seu desenvolvimento, possibilitando a observação das mudanças e continuidades individuais no mesmo (Veríssimo, Blicharski, Strayer & Santos, 1995). Permite, ainda, identificar grupos homogéneos de crianças que parecem semelhantes em múltiplas facetas do comportamento social precoce e fazer uma comparação dos seus comportamentos com dois critérios *scores*: Segurança e Dependência.

Tal como a maioria dos *Q-Sort*, o AQS é preenchido através da atribuição de itens a categorias, utilizando uma distribuição fixa. Os 90 itens do instrumento são distribuídos pelo observador numa escala de nove níveis que variam do “extremamente característico” até ao “extremamente incharacterístico”. Esta distribuição deve ser realizada tendo em consideração a sua saliência ou relevância para a criança a ser descrita. Os itens que são mais característicos da criança ou como a criança são colocados nas categorias mais elevadas (9-7), e os itens menos característicos, ou os que não são como a criança observada são colocados nas categorias mais baixas (3-1). Os itens

que não são nem característicos, nem in-característicos e/ou os itens que não foram observados são colocados no centro da distribuição (categorias 6-4). O AQS inclui numerosos comportamentos relevantes para a caracterização do fenómeno de base segura, no entanto, é a organização destes comportamentos, apresentada no *perfil Q-sort*, que indica o grau em que o comportamento de base segura está presente no repertório de uma criança enquanto interage com a sua mãe. A existência do fenómeno de base segura não é presumida por esta técnica, antes a sua presença ou ausência é inferida do perfil (Posada, Goa *et al.*, 1995).

PROCEDIMENTO

Narrativas Maternas

As mães responderam a 6 conjuntos de palavras sugestivas (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2001), que foram apresentados um de cada vez por um investigador da equipa. Para cada história é apresentado um conjunto de palavras organizadas em três colunas. As instruções dadas às mães são estandardizadas (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004, manual não publicado). Foi pedido às mães que lessem cada coluna, de cima para baixo, da esquerda para a direita de modo a ter ideia da possível história a contar. Eram, ainda, informadas de que as histórias seriam gravadas e que, se assim o entendessem, poderiam parar de contar uma história e reiniciá-la. Quatro das histórias (“A manhã do bebé”; “O consultório do médico”; “O acampamento da Joana e do Pedro”; “O acidente da Susana”) visavam elicitar temas relacionados com a vinculação e as restantes (“O passeio no parque”; “Uma ida às compras”) são consideradas neutras e como tal não foram cotadas para o valor de base segura. Três das narrativas referem-se explicitamente a conteúdos da relação mãe-criança (ex. “A manhã do bebé”, “O consultório do médico”) e as restantes procuram elicitar conteúdos referentes à temática das relações adulto-adulto (“O acampamento da Joana e do Pedro”; “O acidente da Susana”). À medida que os conjuntos de palavras sugestivas eram fornecidos às mães para estas realizarem a tarefa proposta, o investigador identificava a história como

sendo relacionada com interacção mãe-criança ou interacção adulto-adulto. Os conjuntos de palavras sugestivas foram apresentados em seis sequências diferentes. Saliente-se que se apresentou sempre as três histórias referentes à interacção mãe-criança como um bloco e as referentes aos adultos como um outro bloco, isto é, as mães realizavam todas as três histórias de um bloco antes de lhes ser apresentada uma história do outro bloco. Cada ordem das histórias foi apresentada de um modo equilibrado na amostra, consequentemente as histórias não foram apresentadas na mesma ordem às mães participantes.

As narrativas maternas foram recolhidas no final de cada visita domiciliária que visava a avaliação da relação de base segura. Quando as observações terminavam, era pedido à mãe que acompanhasse um dos observadores a outra divisão da casa, com vista a realizar as narrativas, enquanto o outro observador brincava com a criança. A maioria das mães realizou a tarefa em 15-20 minutos.

As histórias foram gravadas e posteriormente transcritas de forma a se poder efectuar a sua coacção.

Observações do AQS

As visitas domiciliárias, de 2-3 horas, foram combinadas com as mães, com o objectivo de observar a interacção criança-mãe. Estas foram realizadas por dois observadores que se comportaram como se de visitas sociais da casa se tratasse, procurando não interferir na rotina familiar, mas participando das brincadeiras da criança quando solicitados e conversando informalmente com a mãe, tendo tido sempre o cuidado de não perturbar as interacções mãe/criança. Quando se tornava oportuno e na sequência da conversa com a mãe foram-lhe colocadas questões acerca de itens que os observadores não podem observar (ex. o item 10 refere-se ao comportamento da criança quando se vai deitar) e de itens que não foram observados na visita (ex. o item 47 refere-se à aceitação por parte da criança, enquanto brinca, de sons barulhentos ou em ser balanceada, se a mãe lhe sorrir e mostrar que é divertido).

No final de cada visita, os observadores realizaram a distribuição dos itens do AQS relativos a cada sujeito, de modo totalmente independente. A distribuição dos 90 itens foi realizada em dois momentos. Num primeiro, os itens distribuídos

aleatoriamente foram divididos em três grupos: O primeiro grupo, o de “comportamentos típicos”, ou seja, que estão de acordo com os comportamentos observados na criança durante a visita, ou seja, que são característicos do repertório da criança e em torno dos quais a criança organiza o seu comportamento. O segundo, o de “comportamentos que não se aplicam”, isto é que não foram observados, ou que não são considerados nem característicos, nem incaracterísticos. O terceiro grupo, o de “comportamentos atípicos”, ou seja, os que não estão de acordo com os comportamentos observados durante a visita, isto é, que não são característicos da criança. Posteriormente, os observadores subdividiram cada um dos três grupos de cartões em três novos subgrupos, de modo a que cada um deles ficasse constituído por dez cartões. Este procedimento teve como suporte a base de distribuição do *AQS*, que se traduz numa escala de nove pontos. Tendo em conta os cartões do primeiro grupo, “comportamentos típicos” os observadores dividiram-nos por três subgrupos, com 10 itens cada: o grupo “extremamente típico”, ou seja, os comportamentos que foram muito evidentes na criança durante a observação e que estão totalmente de acordo com ela. O “fortemente típico”, isto é comportamentos que a criança manifestou muitas vezes e por fim, o “suficientemente típico”, comportamentos que foram observados algumas vezes. De seguida, tendo em consideração os cartões do segundo grupo, os “não se aplica”, os observadores dividiram-nos em três novos subgrupos de 10 itens cada: os “pouco típico”, ou seja, comportamentos que se aproximam mais do que foi observado, “não se aplica”, comportamentos que não foram observados e/ou não poderiam ter sido observados durante a visita domiciliária, e os “pouco atípico” comportamentos que, embora não observados, não estão de acordo com os comportamentos que foram efectivamente observados durante a visita. Por fim, o mesmo procedimento foi realizado para o último grupo de cartões os “atípicos”. Os observadores dividiram os cartões em três subgrupos de 10 itens cada: o grupo “suficientemente atípico”, ou seja, comportamentos que não estão de acordo com o que foi observado, o “fortemente atípico”, em que o comportamento descrito se encontra ainda menos de acordo com o observado e o “extremamente atípico”, itens com

descrição de comportamentos totalmente divergentes dos comportamentos observados.

Os observadores foram treinados durante um período de várias semanas antes de iniciarem as observações, tendo discutido os itens e completado o *Q-Sort* em conjunto com o Coordenador do Projecto como parte do treino. As correlações *Q-Sort* obtidas na amostra de estudo variaram de $r=.61$ a $r=.89$. As descrições *Q-sort* da criança foram realizadas a seguir às visitas e de um modo totalmente independente, pelos dois observadores. O *Q-Sort* de cada criança foi, assim, obtido pela média dos dois *Sorts*.

RESULTADOS

Dois a três investigadores (que não tinham qualquer conhecimento das classificações dos *AQS* das crianças) leram e cotaram cada história utilizando uma escala de 7 pontos definida por H. Waters e Rodrigues-Doolabh (2004, manual não publicado). As histórias foram todas agrupadas por temas, por ex. todas as histórias de “A Manhã do bebé” foram colocadas num grupo e cotadas na mesma sessão. O mesmo procedimento foi utilizado nas restantes histórias que foram cotadas em dias diferentes, de modo a minimizar qualquer influência dos investigadores. Dos três investigadores que cotaram as narrativas, dois eram portugueses e um americano, tendo todos recebido treino intensivo por parte de H. Waters. A Tabela 1 apresenta as correlações entre os investigadores portugueses, tendo-se obtido correlações entre .75 e .86. Trinta histórias foram traduzidas para inglês por um tradutor profissional e foram, também, cotadas pelo investigador americano. As correlações entre as cotações das narrativas do investigador americano e dos portugueses foi de .83 e .84. Mais de 90% das comparações inglês/português concordavam num intervalo de 1.5 e nenhuma cotação para uma dada história diferiu mais do que 2.5 pontos. Foi realizada a média das cotações das histórias mãe-criança, obtendo-se assim um valor para este grupo, tendo-se efectuado o mesmo para as histórias adulto-adulto. Um valor global foi obtido através do cálculo da média de todas as histórias.

As correlações entre o valor compósito para as histórias mãe/criança e o valor compósito para as histórias adulto/adulto, assim, como o valor

TABELA 1
Consistência Interna dos valores das Narrativas

	Manha do Bébe	Médico	Acidente	Acampamento
Manha do Bébe	$r = .0,89$ ***			
Médico		$r = 0,77$ ***		
Acidente			$r = 0,75$ ***	
Acampamento				$r = 0,86$ ***

*** = $p < .001$

TABELA 2
Correlações entre as diferentes narrativas

	Correlações Histórias	Correlações Histórias
Histórias Mãe/Criança (n = 58)	$r = .65$ ***	Spearman-Brown = .79
Histórias Adulto/Adulto (n = 58)	$r = .47$ ***	Spearman-Brown = .62
Score do Compósito de Base Segura		$\alpha = .82$

*** = $p < .001$

do *alpha de Cronbach* para as quatro histórias são apresentadas na Tabela 2. Os resultados são consistentes com os apresentados por Rodrigues-Doolabh *et al.* (2003), demonstrando que este método pode ser utilizado independente da cultura.

Numa análise mais descritiva procurou-se avaliar a relação entre variáveis demográficas e os valores obtidos nos *scripts* e no *Q-Sort*. As correlações entre a idade da mãe, habilitações literárias da mãe, idade de entrada para a creche e o número de horas no pré-escolar, com os resultados das narrativas e com o critério valor da segurança não se revelaram significativas. Uma análise de variância não revelou existência de diferenças significativas em função do sexo, quer para o valor critério da segurança, quer para as narrativas.

Modelo Interno dinâmico da mãe e qualidade da vinculação mãe-criança

Tomando-se por referência os valores do critério (Waters, 1987), definido por um conjunto de peritos, relativos à criança ideal, correlacionou-se a informação, das crianças participantes

no estudo recolhida através do *Q-Sort*, com os valores do critério da criança ideal, tendo como objectivo obter o resultado das mesmas crianças no constructo em causa. Estes valores foram elaborados de maneira a simplificar a diversidade das informações adquiridas através deste tipo de instrumento. Deste modo, e segundo Posada *et al.* (1995), o comportamento de base segura está harmoniosa e adequadamente organizado existindo, assim, um equilíbrio entre os comportamentos de procura de proximidade com a mãe e os comportamentos de exploração do meio.

Ao nível global da amostra, verificou-se que o valor do critério de segurança se encontra significativamente correlacionado com o valor compósito das narrativas mãe/criança, com o das narrativas adulto/adulto, bem como com o valor compósito total. Os valores das correlações são apresentados na Tabela 3. Assim, as mães com *scripts* considerados seguros (de acordo com os critérios de H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) são, também, aquelas cujos filhos apresentam valores mais elevados no critério de segurança do AQS (Waters, 1987).

TABELA 3
Correlações entre os valores das Narrativas Maternas e o comportamento de base segura das crianças em casa

Score Compósito Vinculação (n = 58)	$r = .31^*$
Histórias Mãe/Criança (n = 58)	$r = .27^*$

* = $p < .05$

DISCUSSÃO

O primeiro objectivo do estudo foi o de operacionalizar o instrumento *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) para Portugal. As correlações, fortemente significativas, obtidas entre os quatro tipos de histórias são semelhantes às referidas por Rodrigues-Doolabh *et al.* (2003) o que indica que este método é, também, válido para a cultura Portuguesa. Confirma, ainda, a presença de um *script* de base segura universal, indo ao encontro da noção de que as relações de vinculação são organizadas em torno dos comportamentos de base segura, independentemente da cultura (Rodrigues-Doolabh *et al.*, 2003).

Embora esta metodologia seja mais simples de utilizar, comparativamente com a *AAI*, há a salientar que antes da sua utilização na amostra em estudo, um elevado número de entrevistas piloto foi realizado. Tal procedimento teve como objectivos não só o treino dos investigadores mas, também, o operacionalizar as instruções transmitidas às mães. A título de exemplo pode referir-se que nas primeiras entrevistas, muitas mães construíam histórias para crianças, pelo que houve necessidade de esclarecer que se tratava de narrativas de adultos. Outro aspecto, que se verificou, foi a transformação, por parte das mães, das personagens adultas em personagens infantis nas narrativas destinadas a avaliar a relação adulto/adulto, deste modo houve necessidade de frisar que as personagens das histórias eram adultos, casados. Um problema, com que os investigadores, também, se depararam foi o tamanho das histórias contadas pelas mães. Embora o valor da cotação dado a cada história não esteja, necessariamente, associado ao tamanho da mesma, uma história com menos de 75 palavras limita-se a ligar

as palavras apresentadas e desta forma não fornece a informação necessária para a cotar com mais de 3 valores. Houve assim, que deixar bem explícito às mães que as palavras apresentadas serviam para a ajudar a contar a história da melhor forma possível, com informação extra e o mais detalhada possível.

O segundo objectivo visava alargar os resultados de Tini *et al.* (2003) para amostras de crianças em idades pré-escolares e desta forma, contribuir para o desenvolvimento do conhecimento acerca do modo como a organização dos conhecimentos de base segura maternos são um factor mediador no estabelecimento da qualidade da relação de vinculação com a criança. Os resultados obtidos demonstram que a qualidade dos *scripts* de base segura maternos está relacionada com os valores do critério de segurança dos seus filhos, ou seja, os resultados sugerem que as mães que possuem um *script* de base segura são utilizadas pelos seus filhos como base segura. Estes resultados, para além de demonstrarem a validade externa da medida, suportam um dos princípios básicos da teoria da vinculação, o conceito de transgeracionalidade, em que o modelo interno da mãe é tido como um factor mediador da qualidade da prestação dos cuidados/de interacção que esta estabelece com o seu filho(a), o que se reflecte na qualidade de vinculação das crianças (ex. Bretherton, 1985; Main *et al.*, 1985; Posada, Waters *et al.*, 1995; Steele, Steele & Fonagy, 1996; Tini *et al.*, 2003). Os efeitos encontrados ao nível da sua magnitude são semelhantes aos referidos por De Wolff e van IJzendoorn (1997) na sua meta-análise sobre a sensibilidade maternal e segurança ($r=.24$) em amostras semelhantes à apresentada neste estudo. Mais, os resultados obtidos são comparáveis com outros estudos que relacionam a *AAI* com *AQS* (ex. Posada, Waters *et al.*, 1995;

Tarabulsky *et al.*, 2005). Estes resultados sugerem que, *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos* (H. Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) são válidas para avaliar a representação e organização dos conhecimentos de base segura maternos dando, deste modo, um importante contributo para o estudo da compreensão da qualidade das relações de vinculação nas crianças e nos adultos.

Identificar uma relação consistente com a teoria, isto é, uma ligação entre os modelos internos da mãe e o comportamento de vinculação da criança, universais, não significa que os mecanismos comportamentais subjacentes a esta ligação sejam iguais nos diferentes grupos sócio-culturais. O que medeia os comportamentos maternos na interacção com a criança, que levam à construção de uma relação de vinculação segura e posteriormente à elaboração de um *script* seguro não está, ainda, esclarecido. É inteiramente possível que mães de diferentes grupos sócio-culturais com diferentes práticas parentais, valores e objectivos de educação apresentem comportamentos diferentes, marcados pela sensibilidade, na resposta aos sinais da criança. Para testar esta hipótese é necessário estudar o fenómeno de base segura em diferentes sociedades e incluir, para além de medidas de representação, medidas de observação directa da interacção mãe/criança, analisando comportamentos maternos e a organização dos comportamentos de base segura das crianças. O estudo aqui apresentado é a primeira fase de um projecto de carácter internacional que procura responder, entre outras, às questões anteriormente apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the SS*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1988). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss. Vol. 2: Separation, anxiety, and anger*. New York: Basic.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss. Vol. 1: Attachment* (2nd edition). New York: Basic.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 50 (1-2), 3-35.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: Guilford.
- Bretherton, I. (1991). Pouring new wine into old bottles: The social self as internal working model. In M. Gunnar, & L. A. Sroufe (Eds.), *Minnesota Symposium on Child Psychology. Self-processes in development* (Vol. 23, pp. 1-41). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story-completion task for 3-year-olds. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 272-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Crowell, J., & Treboux, D. (1995). A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development*, 4, 294-327.
- De Wolff, M. S., & van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68, 571-591.
- George, C., & West, M. (2001). The development and preliminary validation of a new measure of adult attachment: The Adult Attachment Projective. *Attachment and Human Development*, 3, 30-61.
- Grossmann, K., Grossmann, K., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development*, 11 (3), 307-331.
- Guttmann-Steinmetz, S., Elliot, M., Steiner, M. C., & Waters, H. S. (2003). Co-constructing script-like representations of early secure base experience. In H. Waters, & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Hesse, E. (1999). The Adult Attachment Interview: Historical and current perspectives. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 395-433). New York: Guilford.
- Main, M., & Goldwyn, R. (1984). *Adult attachment scoring and classification system*. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley.

- Main, M., & Goldwyn, R. (1998). *Adult attachment scoring and classification system*. Unpublished manuscript, University of California at Berkeley.
- Main, M. (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring, and singular (coherent) vs. multiple (incoherent) models of attachment: Findings and directions for future research. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Maris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 127-159). London: Routledge.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial No. 209), 66-104.
- Nelson, K., & Hudson, J. (1988). Scripts and memory: Functional relationships in development. In F. E. Weinert, & M. Perlmutter (Eds.), *Memory development: Universal changes and individual differences* (pp. 87-105). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Nelson, K. (1986). *Event knowledge: Structure and function in development*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Oppenheim, D., & Waters, H. S. (1995). Narrative processes and attachment representations: Issues of development and assessment. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial No. 244), 197-215.
- Posada, G., Gao, Y., Wu, F., Posada, R., et al. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mothers' preferences, and experts' concepts. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial No. 244), 27-48.
- Posada, G., Waters, E., Crowell, J. A., & Lay, K.-L. (1995). Is it easier to use a secure mother as a secure base? Attachment Q-sort correlates of the adult attachment interview. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 60* (2-3, Serial No. 244), 133-145.
- Rodrigues-Doolabh, L., Zevallos, A., Turan, B., & Green, K. (2003). Attachment scripts across cultures: Further evidence for a universal secure base script. In H. Waters, & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- Schank, R. C., & Abelson, R. P. (1977). *Scripts, plans, goals and understanding*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Tarabulsky, G. M., Bernier, A., Provost, M. A., Maranda, H., Larose, S., Moss, E., Larose, M., & Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission or attachment in a sample of adolescent mother-infant dyads. *Developmental Psychology, 41*, 212-224.
- Tini, M., Corcoran, D., Rodrigues-Doolabh, L., & Waters, E. (2003). Maternal attachment scripts and infant secure base behavior. In H. Waters, & E. Waters (Chairs), *Script-like representations of secure base experience: Evidence of cross-age, Cross-cultural, and behavioral links*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Tampa, FL, March, 2003).
- van Emmichoven, I. A., van IJzendoorn, M. H., De Ruiter, C., & Brosschot, J. F. (2003). Selective processing of threatening information: Effects of attachment representation and anxiety disorder on attention and memory. *Development & Psychopathology, 15*, 219-237.
- van IJzendoorn, M. H. (1995). Adult attachment representations, parental responsiveness, and infant attachment: A meta-analysis on the predictive validity of the Adult Attachment Interview. *Psychological Bulletin, 117*, 387-403.
- Veríssimo, M., Blicharsky, T., Strayer, F., & Santos, A. (1995). Vinculação e estilos de comunicação da criança. *Análise Psicológica, 13* (1-2), 145-155.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*, 164-172.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2001). Are attachment scripts the building blocks of attachment representations? Narrative assessment of representations and the AAI. In H. Waters, & E. Waters (Chairs), *Narrative Measures of Attachment for Adults*. (Poster symposium presented at the Biennial Meetings of the Society for Research in Child Development, Minneapolis, MN, April, 2001).
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. (Unpublished manuscript). New York: State University of New York at Stony Brook.
- Waters, H. S., Rodrigues, L. M., & Ridgeway, D. (1998). Cognitive underpinnings of narrative attachment assessment. *Journal of Experimental Child Psychology, 71*, 211-234.

RESUMO

A correspondência entre as representações de vinculação maternas e os comportamentos de base segura da criança são explorados numa amostra de díades mãe/criança portuguesas. Os *scripts* de base segura maternos foram avaliados utilizando um instrumento, recentemente criado, as *Narrativas de Representação da Vinculação em Adultos*, que consiste num conjunto de palavras que visa que as mães contem histórias com conteúdos relevantes para a vinculação. O *Attachment Q-Set* (realizado por observadores) foi utilizado para avaliar os comportamentos de base segura das crianças. Os valores para as narrativas de base segura maternas são internamente consistentes (os *alphas de Cronbach* encontram-se todos acima de .80). O compósito das narrativas de base segura maternas encontra-se significativa e positivamente correlacionado com o valor de segurança das crianças no *AQS*. Estas análises indicam que mães com narrativas nas quais o *script* de base segura esta presente têm crianças que as tratam como bases seguras, em observações realizadas em casa. Os resultados deste estudo sugerem que o elemento central dos modelos internos de vinculação é a existência e acessibilidade a um *script* de base segura. Resultados adicionais, indicam que as traduções das narrativas, nomeadamente, para inglês podem receber valores válidos e fiáveis, mesmo quando não cotadas por nativos da língua.

Palavras-chave: Vinculação, modelo dinâmico interno, narrativas

ABSTRACT

Correspondence between maternal attachment representations and child secure base behavior was explored in a sample of mother-child dyads from Portugal. Maternal secure base scripts were assessed using a recently designed word-list prompt procedure for eliciting and scoring attachment-relevant stories and the Attachment Q-set (AQS, completed by home observers) was used to assess child secure base behavior. Scores for the maternal secure base narratives (from stories elicited using the word-prompt procedure) were internally consistent (Cronbach's alphas all above .80). The composite maternal secure base narrative score was correlated significantly and positively with attachment security scored from the AQS. These analyses suggest that mothers whose narratives indicate the use of a "secure" script have children who treat them as a "secure base" when observed at home. Findings from this study suggest that a core feature of adult working models of attachment is possession of and access to a secure base script. Additional results from the study indicate that cross-language translations of the maternal narratives can receive valid, reliable scores even when evaluated by non-native speakers.

Key words: Attachment, internal working model, secure base.